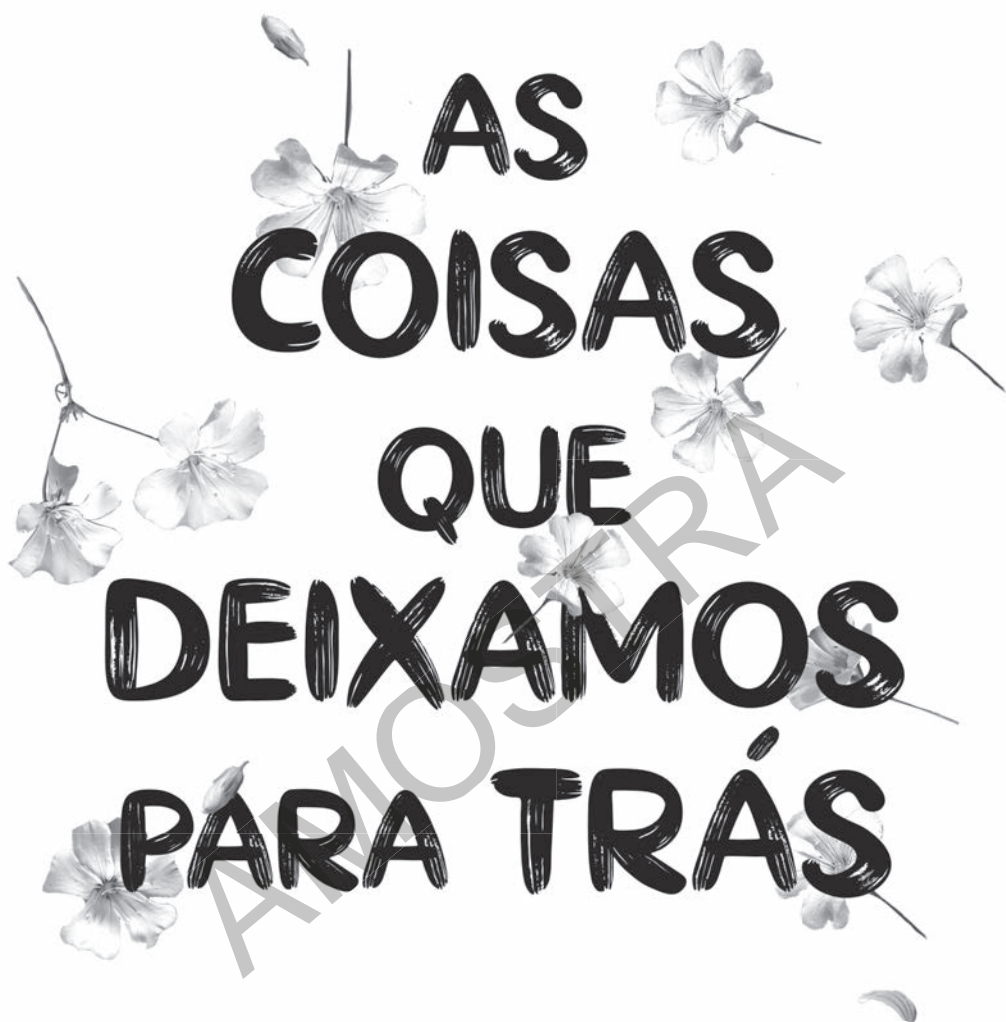


AS
COISAS
QUE
DEIXAMOS
PARA TRÁS



LUCY SCORE

TRADUÇÃO DE LETÍCIA CARVALHO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024



UM FUNERAL COM BURRITO

Sloane

O balanço fazia um rangido ritmado enquanto eu usava a ponta do pé para pegar impulso no assoalho da varanda.

Enfiei meus dedos congelados debaixo do cobertor e entre as camadas de roupa. Mas, ironicamente, eu já estava congelada por dentro.

A guirlanda pendurada na porta da frente desde o Natal, que ostentava a cor roxa, chamou minha atenção.

Eu precisava retirá-la.

Precisava voltar a trabalhar.

Precisava voltar ao andar de cima e passar o desodorante que acabei esquecendo.

Pelo visto, havia muitas coisas que eu precisava fazer. Todas pareciam uma tarefa de grande magnitude, como se subir as escadas que levavam ao meu quarto exigissem a mesma energia de uma escalada ao topo do Monte Everest.

Foi mal, Knockemout. Vão ter que aguentar uma bibliotecária com cheiro de cecê.

Puxei uma lufada de ar cortante para os meus pulmões. Chegava a ser engraçado como eu precisava me lembrar de fazer algo tão instintivo quanto respirar. O luto dava um jeito de se infiltrar em tudo, mesmo quando você já estava preparada para isso.

Ergui a caneca do meu pai, com os dizeres LÁGRIMAS DO ADVOGADO DE DEFESA, e tomei um gole fortificante de vinho como café da manhã.

Eu passaria o resto do dia no calor sufocante da Nocaute Eterno, a funerária com nome irreverente de Knockemout. O termostato da funerária sempre era mantido por volta dos 23 °C para agradar aos idosos friorentos que apareciam com frequência.

Minha respiração formou uma nuvem. Quando se dissipou, pude voltar a ver a casa ao lado.

Era uma casa de dois andares sem grandes atrativos, com revestimento na cor bege e paisagismo funcional.

Para ser justa, minha casa vitoriana extravagante fazia com que a maioria das outras parecesse sem graça em comparação, com uma varanda ampla que contornava o edifício e uma torre nada sutil. No entanto, havia uma sensação de vazio na casa vizinha que tornava o contraste mais evidente. Por mais de uma década, os indícios de vida ali tinham se limitado à equipe encarregada da manutenção do jardim e às visitas esporádicas do proprietário insuportável.

Eu me questionava por que ele não tinha simplesmente vendido a casa ou a reduzido a cinzas. Ou seja lá o que for que homens absurdamente ricos faziam com lugares que abrigavam pesares e segredos.

Aborrecia-me que ele ainda fosse o proprietário. Que vez ou outra ainda se hospedasse lá. Nem eu nem ele queríamos ser assolados por aquelas lembranças. Nem queríamos ter que morar lado a lado.

A porta da frente se abriu e minha mãe apareceu.

Sempre achei Karen Walton belíssima. Mesmo hoje, com a tristeza estampada no rosto, ela ainda era linda.

— O que acha? Está exagerado? — perguntou, dando uma vultinha com seu novo vestidinho preto. O decote canoa discreto do vestido e as mangas compridas se transformavam em uma saia de festa esvoaçante com tule escuro brilhante. Havia uma tiara de veludo em seu cabelo loiro e liso com corte chanel.

Fomos às compras alguns dias atrás com a minha amiga Lina para que ela nos ajudasse a escolher roupas para o funeral. Meu vestido preto de tricô era curto e justo, com bolsos escondidos nas costuras da saia. Era lindo e eu não tinha intenção de usá-lo novamente.

— Você está linda. Ficou perfeito — tranquilizei-a, levantando um canto do cobertor em sinal de convite.

Ela se sentou e deu um tapinha no meu joelho enquanto eu nos cobria.

Este balanço sempre foi o cerne da nossa família. Era aqui que nos reuníamos para comer algo e fofocar depois da escola. Meus pais se encontravam



neste balanço para um *happy hour* toda semana. Após termos lavado a louça do Dia de Ação de Graças, relaxávamos aqui com nossos livros favoritos e mantas aconchegantes.

Há dois anos, herdei essa casa gigantesca com pintura em tons de verde-oliva, roxo e azul-marinho quando meus pais se mudaram para Washington D.C. para ficarem mais próximos dos médicos do meu pai. Sempre tive um carinho especial por ela. Não havia nenhum outro lugar no mundo que transmitisse a mesma sensação de lar. Mas eram momentos como esse que me faziam perceber que, em vez de crescer, nossa família estava diminuindo.

Minha mãe soltou um suspiro longo.

— É um saco passar por isso.

— *Apesar* de ser um saco, pelo menos estamos bonitas — *ressaltei*.

— É o jeitinho da família Walton — *concordou*.

A porta da frente voltou a se abrir e minha irmã, Maeve, juntou-se a nós. Ela estava vestindo um conjuntinho simples de calça e terno preto, assim como um casaco de lã, e segurava uma caneca de chá fumegante. Estava linda como sempre, mas com semblante cansado. Fiz um lembrete mental de indagá-la depois do funeral para verificar se nada mais estava acontecendo.

— Cadê a Chloe? — *perguntou mamãe*.

Maeve revirou os olhos.

— Ela reduziu as opções para dois *looks* e disse que precisava de um tempo com cada um antes de decidir de vez — *respondeu ela*, encaixando-se ao lado da nossa mãe no balanço.

Minha sobrinha era uma fashionista do mais alto nível. Pelo menos o mais alto que uma garota de 12 anos com mesada limitada no interior da Virgínia poderia atingir.

Ficamos balançando em silêncio por um tempo, cada uma absorta em suas próprias lembranças.

— Lembram quando o pai de vocês comprou uma árvore de Natal que era tão larga que não passava pela porta da frente? — *perguntou mamãe* com contentamento na voz.

— Foi assim que começou a tradição de colocar a árvore na varanda — *relembrou Maeve*.

Senti uma pontada de culpa. Neste Natal, eu não tinha colocado uma árvore na varanda. Nem dentro de casa. Apenas a guirlanda, agora sem vida, que



comprei na venda beneficente da escola da Chloe. O câncer tinha traçado outros planos para nossa família.

Decidi que compensaria no Natal seguinte. Haveria vida neste lugar. Família. Risadas, biscoitos, bebidas e presentes mal embrulhados.

Tinha sido o desejo do meu pai. Saber que a vida prosseguiria, apesar da saudade avassaladora que sentiríamos dele.

— Sei que o pai de vocês era quem proferia palavras motivacionais — começou minha mãe. — Mas prometi a ele que me esforçaria ao máximo. Então é assim que vai ser. Vamos entrar naquela funerária e dar a ele o melhor funeral que esta cidade já viu. Vamos rir e chorar e lembrar como somos sortudas por tê-lo tido pelo tempo que tivemos.

Maeve e eu assentimos, lágrimas já começando a brotar em nossos olhos. Pisquei para afastá-las. A última coisa de que minha mãe ou minha irmã precisavam era ter que lidar com a minha enxurrada de tristeza.

— Digam “com certeza!” — incentivou mamãe.

— Com certeza — respondemos com a voz trêmula.

Mamãe olhou para uma filha e depois para outra.

— Foi horrível.

— Puxa. Desculpa se não estamos superempolgadas para o funeral do papai — falei em um tom seco.

Mamãe colocou a mão no bolso da saia do vestido e tirou de dentro um cantil rosa de aço inoxidável.

— Isso vai ajudar.

— São 9h32 — afirmou Maeve.

— Já estou tomando vinho — rejeitei, mostrando minha caneca.

Mamãe entregou o cantil gracioso à minha irmã.

— Como o pai de vocês gostava de dizer: “Não dá para beber o dia todo se não começarmos agora”.

Maeve soltou um suspiro.

— Tá legal. Mas se a gente beber agora, vamos de Uber para o funeral.

— Isso vale um brinde — concordei.

— Tim-tim, pai — disse ela e deu um gole no cantil, fazendo careta logo em seguida.

Maeve devolveu o cantil, e mamãe o ergueu em um brinde silencioso.

A porta da frente se abriu outra vez, provocando um estrondo, e Chloe deu um salto para a varanda. Minha sobrinha estava usando meias estampadas,



shorts de cetim roxo e uma blusa canelada de gola alta. Seu cabelo estava penteado em dois coques pretos no alto da cabeça. Maeve deve ter perdido a batalha da maquiagem hoje, porque as pálpebras da Chloe estavam em um tom de roxo bem escuro.

— Acham que vai tirar a atenção que era para ser do vovô? — perguntou, fazendo pose com as mãos nos quadris.

— Ai, Senhor — resmungou baixinho minha irmã e mais uma vez se apoiou do cantil.

— Você está linda, coração — elogiou mamãe, sorrindo de orelha a orelha para a única neta.

Chloe deu uma voltinha.

— Obrigada, eu sei.

Com o ar julgador de sempre, a gata rechonchuda e mal-humorada que herdei com a casa entrou de forma sorrateira na varanda. A bichana parcialmente domesticada e pulguenta tinha sido batizada com o nome pomposo de Lady Mildred Miauington. Com o tempo, acabou sendo abreviado para Milly Miau Miau. Hoje em dia, quando eu precisava gritar com ela pela décima oitava vez para não arranhar o encosto do sofá, era apenas Miau Miau ou Ei, Sua Cretina.

— Entra, Miau Miau, ou vai ficar do lado de fora o dia todo — avisei.

A gata não se deu ao trabalho de responder ao meu aviso. Preferiu se roçar nas meias pretas da Chloe e depois se sentou aos pés dela para dar atenção ao próprio ânus felino.

— Que nojeira — observou Maeve.

— Ótimo. Agora vou ter que tirar pelos das minhas meias — reclamou Chloe batendo energeticamente um pé calçado com bota no chão.

— Vou pegar o removedor de pelos — ofereci-me, levantando do balanço e empurrando a gata com o pé até que ela se jogasse de costas para mostrar a barriguinha rechonchuda. — Quem está a fim de vinho no café da manhã?

— Conhece o ditado — falou mamãe, puxando minha irmã para ela se levantar. — Chardonnay é a refeição mais importante do dia.



A SENSACÃO DE calor e embriaguez da bebida começou a perder intensidade por volta da segunda hora do velório. Eu não queria estar ali, em frente a uma

urna de aço inoxidável em uma sala com papel de parede de pavão amuado, aceitando condolências e ouvindo histórias de como Simon Walton foi um homem incrível.

Eu me dei conta de que não haveria mais histórias. Meu pai querido, inteligente e de bom coração não estava mais conosco. E só nos restavam recordações que jamais conseguiriam preencher o vazio deixado pela sua ausência.

— Não sei o que faremos sem o tio Simon — falou minha prima Nessa, segurando uma bebê gordinha no quadril enquanto seu marido se ocupava com o filho de 3 anos que usava uma gravata-borboleta. Meu pai sempre usava gravatas-borboletas. — Uma vez por mês, ele e a sua mãe tomavam conta das crianças para que eu e o Will pudéssemos ter uma noite de casal.

— Ele adorava passar tempo com seus filhos — garanti.

Meus pais nunca esconderam o desejo de ter uma casa repleta de familiares. Esse foi o motivo que os levou a comprar uma mansão vitoriana com dezoi- to cômodos, incluindo uma sala de jantar separada, grande o suficiente para acomodar vinte pessoas. Maeve tinha cumprido seu dever de dar à luz um neto, mas o divórcio e uma carreira jurídica de sucesso adiaram temporariamente os planos do segundo filho.

E então, tinha eu. Eu era a bibliotecária-chefe da melhor biblioteca pública da região dos três condados e trabalhava pra caramba para expandir nosso catálogo, programas e serviços. Mas eu não estava mais perto de casar e ter filhos agora do que estava aos 30 anos. Que foi há... putz. Um tempinho.

A bebê de Nessa fez um som de pum com a boca e pareceu extremamente satisfeita consigo mesma.

— Ai, não — disse minha prima.

Acompanhei o olhar dela até a criança que estava fugindo do pai ao correr em círculos ao redor do pedestal da urna.

— Segura — disse Nessa, passando-me a bebê. — A mãe aqui precisa salvar o dia com discrição e elegância.

— Sabe — falei à bebê —, aposto que meu pai ia adorar se o seu irmão der- rubasse as cinzas por acidente. Ele acharia muito engraçado.

Ela me olhou com curiosidade, parecendo uma coruja com os olhos mais azuis e enormes que já vi. Ela era quase carequinha, com cabelos loiros e finos cuidadosamente presos com um laço cor-de-rosa cheio de estilo. Uma mãozinha encharcada de baba se aproximou, e ela acariciou minha bochecha com o dedo.



O sorriso banguela me pegou de surpresa, assim como a risadinha encantadora que saiu de algum lugar em sua barriguinha redonda. A mais pura felicidade borbulhou dentro de mim.

— Crise evitada — disse Nessa, reaparecendo. — Own, ela gostou de você!

Minha prima pegou a filha e fiquei surpresa por, no mesmo instante, sentir falta do peso caloroso e risonho em meus braços. Sentindo-me desnorteada, observei a pequena família seguir em direção à minha mãe e minha irmã para cumprimentá-las.

Já tinha ouvido falar do relógio biológico das mulheres sendo acionado com um simples cheirinho dado na cabeça de um bebê, mas uma contagem regressiva iniciada em um funeral? Isso devia ser inédito.

Claro que eu queria uma família. Sempre supus que arranjaria tempo... depois da faculdade, depois de conseguir meu primeiro emprego, depois de conseguir meu emprego dos sonhos na cidade natal, depois de realocar a biblioteca para o prédio novo.

Eu não estava mais na flor da idade. Meus óvulos não estavam misteriosamente ficando mais férteis. Se eu quisesse ter minha própria família, precisava começar agora.

Que droga.

Os instintos evolutivos tomaram conta, e eu examinei Bud Nickelbee enquanto ele se aproximava de mim e oferecia suas condolências. Os macacões eram a marca registrada do corpo magro e esguio de Bud. Como alguém que também usava óculos, sua armação estilo Lennon não me incomodava. Mas o rabo de cavalo longo e grisalho e seus planos de se aposentar e construir um abrigo isolado em Montana eram inaceitáveis.

Eu precisava de um homem jovem o bastante para *querer* encarar os desafios de ter um bebê ao meu lado. De preferência aqui, com uma loja grande de departamento e outra atacadista por perto.

Minha epifania em relação ao relógio biológico foi interrompida pela chegada de Knox e Naomi Morgan. O *bad boy* barbudo de Knockemout tinha se apaixonado perdidamente pela noiva fugitiva quando ela apareceu na cidade no ano passado. Juntos, tinham conseguido construir o tipo de final feliz arrebatador que eu devorava nas páginas dos livros quando era adolescente... e jovem adulta... e até mesmo na semana passada.

Falando em instintos evolutivos, o mal-humorado Knox vestido de terno — com gravata torta, como se não desse a mínima para endireitá-la — seria sem



dúvida um pai perfeito. Nash, seu irmão de ombros largos, apareceu atrás dele vestindo o uniforme completo da polícia. Ele e Lina, sua noiva linda e estilosa, estavam de mãos dadas de forma possessiva. Os dois homens eram excelentes candidatos a doadores de esperma.

Balancei a cabeça para sair do devaneio sobre procriação.

— Obrigada por terem vindo, gente — falei.

O vestido de lã azul-marinho e o cabelo estilizado em ondas castanhas que pareciam pequenas molas deram à Naomi uma aparência feminina e delicada. Seu abraço tinha um leve cheiro de produto de limpeza com aroma de limão, o que me fez sorrir. Quando estava estressada, entediada ou feliz, Naomi fazia faxina. Era o seu jeito de expressar amor. A biblioteca nunca esteve tão limpa desde que ela assumiu o cargo de coordenadora de auxílio comunitário.

— Meus pêsames pelo Simon. Ele era um homem maravilhoso — disse ela. — Fico feliz por ter tido a oportunidade de conhecê-lo no Dia de Ação de Graças.

— Eu também — concordei.

Aquele tinha sido o último feriado oficial dos Walton no lar da família. A casa tinha estado repleta de amigos, familiares e comida. Tanta. Tanta. Comida. Apesar da enfermidade, meu pai tinha irradiado felicidade.

A lembrança trouxe uma nova onda de tristeza que me atingiu em cheio, e precisei de toda a minha força para não me render ao choro descontrolado, que fingi ser um soluço ao me afastar do abraço da Naomi.

— Desculpa. Bebi vinho demais no café da manhã — dei uma desculpa esfarrapada.

Nossa amiga Lina se aproximou. Ela tinha pernas longas e uma atitude ousada, mesmo vestindo um conjuntinho de calça e terno sexy e saltos de tirar o fôlego. Ela fez uma careta e, em seguida, aproximou-se para dar um abraço desajeitado. Lina não se sentia à vontade para abraçar mais ninguém além de Nash. Isso me fez valorizar ainda mais o gesto.

Contudo, se as pessoas não parassem de ser gentis comigo, a represa que continha a imensa reserva de tristeza iria ceder.

— Que droga — sussurrou ela antes de me soltar.

— Uhum. É mesmo — concordei, limpando a garganta e reprimindo as emoções. Eu conseguia lidar com a raiva. A raiva era algo simples, claro e transformador, até mesmo poderoso. Mas eu não me sentia confortável em compartilhar emoções mais confusas com outras pessoas.

Lina se afastou e se acomodou com destreza sob o braço do Nash.



— O que vai fazer depois desse... evento? — perguntou.

Eu sabia exatamente por que ela estava perguntando. Elas estariam ao meu lado se eu pedisse. Mesmo que eu não pedisse, caramba. Se achassem que eu precisava de um ombro para chorar, um coquetel bem-feito ou pisos limpos, Naomi e Lina se fariam presentes.

— Minha mãe reservou um pernoite num spa com algumas amigas, e a Maeve está organizando um jantar em família hoje à noite para os convidados que não são da cidade — eu disse. Não era lorota. Minha irmã *estava* hospedando nossos tios e primos. Mas eu já tinha planejado fingir que estava com enxaqueca e passar a noite desafogando minha tristeza descontrolada na privacidade da minha própria casa.

— Vamos combinar de nos ver em breve. Sem ser no trabalho — acrescentou Naomi com firmeza. — Fique de licença pelo tempo **que precisar**.

— Uhum. Com certeza. Obrigada — falei.

Minhas amigas seguiram pela fila para cumprimentar **minha** mãe, deixando os futuros pais dos seus filhos comigo.

— Saco pra caralho isso — falou Knox **com um tom** bem sério quando me abraçou.

Sorri encostada em seu peito.

— Não dá pra discordar.

— Se precisar de algo, Sloaninha, Cara de Fuinha — disse Nash, aproximando-se para dar **um abraço**. Não era necessário completar a frase. Tínhamos crescido **juntos**. Eu sabia que podia contar com ele para qualquer coisa. O mesmo **valia para Knox**, ainda que não expressasse. Ele simplesmente daria as caras e executaria algum ato de serviço atencioso com mau humor e, em seguida, ficaria bravo se eu tentasse agradecer.

— Obrigada, gente.

Nash se afastou e observou a multidão que se espalhava da sala para o hall de entrada. Até em um funeral, o nosso chefe de polícia agia como um cão de guarda, zelando pela segurança de seu rebanho.

— Nunca esquecemos o que seu pai fez por Lucian — falou.

Fiquei tensa. Toda vez que alguém mencionava o nome dele, parecia que um sino tocava na minha cabeça, reverberando nos meus ossos como se devesse significar algo. Mas não significava. Não mais. A menos que “eu odeio aquele cara” contasse como “algo”.



— Pois é, meu pai ajudou muitas pessoas ao longo da vida — falei, incomodada.

Era verdade. Simon Walton tinha desempenhado o papel de advogado, treinador, mentor e pai. Parando para pensar, ele e a sua nobreza deviam ser os responsáveis pela minha situação atual sem casamento e filhos. Afinal, como eu poderia encontrar um companheiro quando ninguém se comparava ao que meus pais tinham encontrado um no outro?

— Falando no diabo — disse Knox.

Olhamos para a porta na outra extremidade do cômodo que, de repente, parecia insignificante diante do homem sombrio vestindo um terno caríssimo.

Lucian Rollins. Luce ou Lucy, como era chamado pelos poucos amigos que tinha. Lúcifer para mim e os demais da sua legião de inimigos.

Eu *odiava* como meu corpo reagia sempre que ele *aparecia*. Aquela consciência formigante, como se cada nervo tivesse recebido a mesma mensagem simultaneamente.

Eu conseguia lidar com aquela advertência instintiva e biológica de que o perigo estava próximo. Afinal de contas, ele não inspirava segurança alguma. O que eu não conseguia lidar era com o formigamento que se transformava imediatamente em um reflexo afetuoso e feliz de *“Até que enfim você chegou”*, como se eu estivesse prendendo a respiração enquanto aguardava que ele aparecesse.

Eu me considerava uma pessoa de mente aberta, que não se intrometia na vida alheia, e uma adulta razoavelmente madura. No entanto, eu não suportava o Lucian. A mera existência dele acionava todos os meus gatilhos. Era o que eu repetia para mim mesma toda vez que ele aparecia, como se tivesse sido conjurado de algum canto idiota e desesperado da minha mente. Até eu me lembrar de que ele não era mais o rapaz charmoso e sedutor dos meus sonhos literários da adolescência.

Aquele Lucian, o rapaz sonhador e esperançoso que carregava um fardo excessivamente pesado, tinha desaparecido. Em seu lugar estava um homem frio e impiedoso, que me odiava tanto quanto eu o odiava.

“Eu confiei em você, Sloane. E você quebrou essa confiança. Você causou mais danos do que ele jamais poderia causar.”

Não éramos mais as mesmas pessoas. Nossos olhares se encontraram com aquele reconhecimento familiar e desconfortável.



Era estranho ter um segredo com o garoto que um dia amei e agora compartilhá-lo com o homem que eu não suportava. Havia uma mensagem implícita em cada interação. Um significado que apenas nós dois éramos capazes de decifrar. E talvez existisse um cantinho pequeno, tolo e sombrio dentro de mim que sentia adrenalina toda vez que nossos olhares se cruzavam. Como se aquele segredo tivesse nos conectado de uma forma que nunca poderia ser desfeita.

Ele avançava, a multidão abrindo-se ao seu redor à medida que poder e riqueza trilhavam o próprio caminho.

Mas ele não veio em minha direção. Foi em linha reta até minha mãe.

— Meu menininho querido. — Mamãe abriu os braços e Lucian se encaixou neles, envolvendo-a em um abraço que revelava uma familiaridade desconcertante.

Menininho querido? Lucian era um megalomaníaco na casa dos quarenta.

Os irmãos Morgan se aproximaram para se juntar ao amigo que estava com minha mãe.

— Como vocês estão, Sloane? — indagou a Sra. Tweedy, a frequentadora de academia idosa e vizinha do Nash, enquanto ocupava o lugar deles. Seu visual consistia em um conjuntinho de agasalho de veludo preto e uma faixa esportiva que afastava seu cabelo do rosto.

— Estamos bem. Agradeço muito por ter vindo — falei segurando sua mão cheia de calos.

Pelo canto do olho, vi minha mãe se afastar um pouco do abraço de Lucian.

— Não tenho palavras suficientes para agradecer. Nunca vou conseguir retribuir o que você fez pelo Simon. Por mim. Pela nossa família — disse ela em meio a lágrimas.

Como é? Não pude evitar que meus olhos se voltassem para o rosto irresistivelmente bonito de Lucian.

Meu Deus, como ele era lindo. De uma beleza moldada de forma sobrenatural pelos deuses. Ele faria lindos bebês demoníacos.

Não. Não. Não. Definitivamente, não. Meu declínio biológico não me faria considerar Lucian Rollins como potencial parceiro.

— Sabe, dizem que musculação ajuda a lidar com o luto. Você deveria dar uma passada na academia esta semana. Meus colegas vão cuidar bem de você — exclamou a Sra. Tweedy enquanto eu tentava ouvir minha mãe e Lucian.

— Eu é que estou em dívida com vocês — disse ele com a voz rouca.



Porra, sobre o que eles estavam falando? Claro, meus pais e Lucian eram próximos quando ele era o adolescente problemático da casa ao lado. Mas isso parecia algo mais sério, mais recente. O que estava acontecendo e por que eu não sabia?

Dedos estalaram bem na minha cara, tirando-me do devaneio.

— Está bem, garota? Parece pálida. Quer beliscar alguma coisa? Tenho uma barrinha de proteína e uma garrafa de água aqui — disse a Sra. Tweedy, vasculhando sua bolsa de ginástica.

— Você está bem, Sloane? — perguntou minha mãe, percebendo nosso rebuliço.

Agora, tanto ela quanto Lucian me encaravam.

— Estou bem — tranquilizei-a bem rápido.

— Ela se desligou da realidade — dedurou a Sra. Tweedy.

— É sério, estou bem — insisti, recusando-me a fazer contato visual com Lucian.

— Faz mais de duas horas que você está em pé aqui. Por que não vai tomar um arzinho? — sugeri mamãe. Eu estava prestes a salientar que ela estava em pé pelo mesmo tempo que eu quando ela se virou para Lucian. — Faz esse favor?

Ele assentiu e, de repente, estava muito próximo.

— Eu a acompanho.

— Estou bem — repeti, dando um passo para trás, em pânico. Fui impedida de fugir por uma enorme coroa de flores. Meu traseiro bateu no suporte e o arranjo do Corpo de Bombeiros de Knockemout oscilou.

Lucian estabilizou as flores e depois apoiou uma mão grande e quente na minha lombar. Foi como ser atingida por um raio diretamente na espinha.

Eu sempre tinha o cuidado de nunca o tocar. Coisas estranhas ocorriam dentro de mim quando isso acontecia.

Não tomei a decisão consciente de deixá-lo me afastar da fila de recepção. Mas lá estava eu, acompanhando-o como um golden retriever obediente.

Naomi e Lina estavam prestes a se levantar de seus assentos, parecendo preocupadas. Mas fiz que não com a cabeça. Eu conseguiria dar conta.

Ele me conduziu para fora da sala abafada até onde deixamos os casacos, e, em menos de um minuto, me vi parada na calçada em frente à casa funerária, deixando para trás a pressão avassaladora de corpos e o burburinho das conversas. Era uma quarta-feira deprimente e invernal. Meus óculos embaçaram



com a mudança de temperatura. As nuvens carregadas e cinza-ardósia pairavam acima, prometendo neve até o fim do dia.

Meu pai adorava a neve.

— Toma — falou Lucian com irritação, empurrando um casaco para mim. Ele era alto, moreno e diabólico.

Eu era baixa, loiríssima e sensacional.

— Não é meu — falei.

— É o meu. Vista antes que morra congelada.

— Se eu vestir, você vaza daqui? — perguntei.

Eu queria ficar sozinha. Recobrir o fôlego. Encarar o céu e contar ao meu pai que estava com saudade dele, que odiava o câncer, que se nevasse, eu me deitaria na neve e faria um anjo em sua homenagem. Talvez eu tivesse tempo para deixar escapar algumas das lágrimas que tinha reprimido.

— Não. — Ele tomou a frente e cobriu meus ombros com o casaco.

Era feito de um tecido grosso e escuro, parecido com *cashmere*, com um forro de cetim. Luxuoso. Sexy. Pesava em mim como uma manta. Tinha um cheiro... Divino não era a palavra certa. Deliciosamente perigoso. O cheiro desse homem era afrodisíaco.

— Você comeu hoje?

Pisquei.

— Quê?

— Você comeu hoje? — Ele pronunciou cada palavra com irritação.

— Não pode ser grosseiro comigo hoje, Lúcifer. — Mas minhas palavras não tinham a intensidade de sempre.

— Ou seja: não.

— Perdão por termos tomado uísque e vinho como café da manhã.

— Senhor — murmurou. Em seguida estendeu a mão na minha direção.

Em vez de me afastar rapidamente ou dar um golpe de karatê na garganta dele, fiquei sem reação. Era uma tentativa desajeitada de me abraçar? Me apalpar?

— O que está fazendo? — chiei.

— Fica paradinha — mandou. As mãos dele desapareceram nos bolsos do casaco.

Ele era exatamente trinta centímetros e meio mais alto do que eu. Eu sabia porque tínhamos medido uma vez. A marcação da altura dele ainda estava no



vão da porta da minha cozinha. Parte da história que nós dois fingíamos que não existia.

Ele tirou um cigarro e um isqueiro prateado chique do casaco.

Nem mesmo os vícios conseguiam controlar Lucian Rollins. Ele se permitia um único cigarro por dia. Eu achava seu autocontrole irritante.

— Tem certeza de que quer usar sua única pausa para fumar agora? Não é nem meio-dia — frisei.

Encarando-me com raiva, ele acendeu o cigarro, guardou o isqueiro no bolso, e em seguida pegou o celular. Ele digitou rapidamente no celular antes de guardá-lo de volta no casaco. Arrancou o cigarro da boca e soltou uma nuvem de fumaça azul com a mesma expressão no rosto.

Cada movimento era predatório, econômico e enfurecido.

— Não precisa ficar de babá. Já deu as caras. Fique à vontade para ir embora. Tenho certeza de que tem coisas mais importantes para fazer numa quarta-feira do que ficar em Knockemout.

Ele me encarou por cima da ponta do cigarro e não disse nada. Tinha o hábito de me observar como se eu fosse fascinantemente desprezível, do mesmo modo que eu olhava para as lesmas no meu quintal.

Cruzei os braços.

— Tá legal. Já que está determinado a ficar, por que minha mãe disse que está em dívida com você? — perguntei.

Ele continuou a me encarar em silêncio.

— Lucian.

— Sloane. — Ele falou meu nome com a voz rouca, como se fosse um aviso. Apesar dos arrepios gélidos percorrendo minha espinha, senti algo quente e perigoso desatar dentro de mim.

— Precisa ser tão insuportável o tempo todo? — perguntei. — Não quero brigar com você hoje. Nem aqui.

Em uma reviravolta humilhante, meus olhos se encheram de lágrimas.

Outra onda vertiginosa de luto me atingiu e lutei para contê-la.

— Não vai ter histórias novas — murmurei.

— Quê? — perguntou ele com irritação.

Balancei a cabeça.

— Nada.

— Você disse que não vai ter histórias novas — incentivou.

